

Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo¹

Dennis de Oliveira²

Patrícia Rodelli³

Resumo

Este artigo trata das possibilidades pedagógicas de a atividade realizada no jornal-laboratório contribuir para uma reflexão teórica e ética do jornalismo por parte dos alunos, a partir do momento em que proporcionam aos alunos a possibilidade de gerenciar zonas de tensão existentes na produção jornalística. Para isso, é necessário que o projeto laboratorial esteja em consonância com as premissas propostas por Dirceu Lopes – ter um público e periodicidade definidos – e que as discussões sobre teoria e ética jornalística estejam articuladas com a produção laboratorial. Estudou-se a experiência do jornal-laboratório *Notícias do Jardim São Remo*, produzido pelos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Palavras-chave: Jornal-laboratório impresso. Ensino de jornalismo. Jornalismo e ética. Teoria do jornalismo. Jornalismo e valores-notícia. Jornalismo e extensão.

Introdução

¹ Trabalho apresentado no GT Produção Laboratorial – Impressos do IX Encontro do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – 2006.

² Professor do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Doutor em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. E-mail: dennisol@usp.br - Link para o currículo lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B545365>

³ Jornalista e assessora de imprensa, professora e mestranda na Universidade Paulista (Unip) E-mail: patriciajornalista@hotmail.com

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>



ensino de Jornalismo no Brasil foi instituído em 13 de Maio de 1943 no governo de Getúlio Vargas. Mas somente em 1947 entrava em funcionamento a primeira escola, em São Paulo, mantida pela fundação Cásper Líbero e integrada à faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Universidade Católica de São Paulo. Em 1962, no governo de Tancredo Neves, sob o decreto nº 1.777 de 12 de junho foi aprovado o regulamento sobre o registro do jornalista profissional⁴. A partir da regulamentação da profissão, alguns cursos de jornalismo passaram a inserir o jornal-laboratório impresso como atividade jornalística na perspectiva de preparar o estudante para o mercado de trabalho e permitir um aprendizado prático adequado com o fundamento teórico em sala de aula (VIEIRA Jr, 2002, p.91).

O jornal-laboratório tinha como propor a inserção do estudante no aprendizado e treinamento prático para o exercício profissional. Toda a produção gráfica, pautas, textos e fotografias do jornal ficam a cargo dos estudantes, ainda que sob orientação do corpo docente da instituição. A apreciação e valorização desse experimento estão fundamentadas na proposta de estabelecer uma sintonia da teoria com a prática profissional exercida no mercado de trabalho, para que os estudantes possam experimentar o processo de produção da notícia com responsabilidade e compromisso perante a sociedade.

⁴*Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo*. Conferência do professor Luiz Beltrão, catedrático da Universidade de Recife nos IV Cursos internacionales de CIESPAL de 1963, p. 17

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

O espaço dentro da universidade é necessário para debater e pesquisar temas relevantes do cotidiano, trazendo para a comunidade informações de utilidade pública, ao mesmo tempo em que os alunos tomam consciência das responsabilidades que envolvem a profissão. Para o professor Dirceu Fernandes Lopes sob o ponto de vista pedagógico diz que:

parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado do jornalismo, principalmente em países como o Brasil, onde a legislação trabalhista veta o estágio em empresas jornalísticas (LOPES, 1989, p.34)

Entendemos que é na universidade que o aluno deve receber o treino, através da didática aplicada no jornal-laboratório. Isto porque o espaço da universidade permite que se alie o processo de produção à reflexão do fazer jornalístico. Não só simular situações profissionais, mas também vivenciá-las tomando conhecimento de visão de conjunto ao que rege toda a estrutura do processo jornalístico na elaboração de um jornal impresso.

Considerações teóricas sobre jornalismo

Das várias visões sobre o conceito de jornalismo, encontramos na maioria dos autores como *busca do bem comum*. È assim que o encontramos, por exemplo, em Beltrão (1992), que diz:

O jornalismo tem uma função educativa, visando esclarecer a opinião pública para que sinta e aja com

discernimento buscando o progresso, a paz e a ordem da comunidade. Em outras palavras, a finalidade do jornalismo é à busca do bem comum. (BELTRÃO, 1992, p. 66)

Ou ainda,

Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum. (p. 5)

O que remete ao pensamento segundo o qual a transmissão da informação jornalística deveria, sempre, ter como objetivo atender as necessidades da comunidade.

Entender o caminho que o jornalismo vem perpassando desde o séc. XVII, conforme relata Lage (2001) e firmando-se no conceito compreendido por Beltrão, atribuem-se idéias para que haja absorção àqueles que venham a produzir o jornal-laboratório na tentativa de assimilar a função social do jornalismo, com preocupações éticas e de responsabilidades junto ao público leitor. Certeiros de que o jornalismo é um questionamento que provoca muito outros, devemos associar o jornalismo àqueles que partilham a sua estrutura, ou seja, os jornalistas.

Lage (2001) analisa as origens do jornalismo, embora na temática do repórter, traça um panorama histórico da profissão, desde seu surgimento, no início do século XVII, até os dias atuais. Por muito tempo os jornalistas eram identificados como publicistas, de quem se esperava orientações e interpretação política. Esse conceito perdura até hoje, já que aqueles que têm certo poder ou

notabilidade social, costumam a sustentar uma visão publicista do jornalismo. Porém, foi necessário adaptar o estilo das matérias publicadas, pois os novos leitores, mais habituados à objetividade, não conseguiam se adaptar a elas. O jornalismo passa aqui a ser sustentado pela publicidade e a obedecer a lógica econômica do lucro. Desempenhava uma função tanto educativa, pois *“ensinava às pessoas o que ver, o que ler, como se vestir, como se portar”*, ressalta Lage.(2001, p.6)

Contudo, com a Revolução Industrial, período de grandes agitações políticas e de revelações, o silêncio deveria ser rompido, a realidade tinha que ser demonstrada e foi a imprensa que se incumbiu de fazê-lo, e assim o jornalismo adquire novo significado e é reformulado.

Já no séc. XX, com o surto de desenvolvimento vivido pelos EUA, a imprensa se desenvolveu muito e o jornalismo profissionalizou-se com a criação de novos cursos e a busca de padrões para a apuração e processamento de informações. Passou-se a valorizar ainda mais a ética e princípios como a objetividade e ouvir os vários lados.

Com o passar do tempo, a informação foi se tornando cada vez mais essencial à vida das pessoas. O jornalista tornou-se então responsável por buscar e traduzir todo o tipo de informação, estando onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar.

Nesse patamar histórico apresentado por Lage (2001), podemos entender que o jornalismo não está sozinho, tem um

eterno `namorado´ que é o jornalista, figura essa, antes de qualquer coisa, um ser humano com juízo de valores, crenças, ideais, opiniões, enfim, subnutrido de perspectivas e `olhares` diversos. Indicadores que não podemos simplesmente desvencilhar da figura do profissional com o jornalismo. É um conjunto de respostas que vai permitir o desenrolar do `fazer` jornalismo e suas tendências.

Alberto Dines enfatiza: *“Todos os jornais e todos os jornalistas têm acesso às mesmas fontes e aos mesmos fatos. A única coisa que distingue um jornal do outro é a criatividade”*. (DINES, 1986, p.43)

Além de toda a técnica empregada nos processos jornalísticos, o jornalista deve contar, ainda, com o que Lage chama de *insight*, ou intuição. Nem sempre as situações se nos colocam com clareza e é nesse momento que o jornalista deve utilizar-se de toda a capacidade criadora e experiência para apreender os fatos, investigá-los e transmiti-los ao público. (LAGE, 2001)

Valores-Notícia no campo jornalístico

No jornalismo não há fórmula exata para conferir fatos mais importantes ou mais interessantes, entretanto há evidências que permitem aos estudiosos atenderem ao processo de produção de uma notícia considerando uma série de aspectos.

Partimos da idéia de que os valores-notícia são valores necessários, imprescindíveis de conhecimento e formação do jornalista.

Nelson Traquina demonstra o exercício de diversos conceitos jornalísticos, entre os quais estão os valores-notícia, divididos entre dois valores:

Os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia. (TRAQUINA, 2005, p.49)

Os valores-notícia de construção são praticamente a reiteração desse, que passa a ser um ponto primordial para o jornalismo. Esses valores orientam a elaboração de matéria nesse sentido. Simplificar, amplificar, mostrar a relevância de uma questão, estabelecer personagens, reforçar o lado emocional e inserir um assunto num contexto já conhecido, tudo a fim de chamar a atenção do receptor e facilitar o entendimento do que foi demonstrado (TRAQUINA, 2005, p. 7).

Ademais, fica a cargo dos jornalistas escolher quais assuntos vão ser noticiados e, depois, o que de cada assunto vai entrar na matéria – os valores-notícia de seleção ajudam na escolha. Esses valores-notícia são, inclusive, uma forma de delimitar o mundo a partir de valores pré-determinados (baseados em um consenso que despreza as diferenças culturais, econômicas e sociais da sociedade) e de reforçar esses valores. Stuart Hall (2002) os classifica como um *“mapa cultural”* de nossa sociedade.

O professor Chaparro aborda os valores-notícia como sendo os Atributos de Relevância para tornarem a lógica do jornalismo em conhecimento, agregando maior ou menor importância aos conteúdos dos acontecimentos noticiáveis na atualidade. São eles:

Proximidade (em relação a vida e aos interesses pessoas); **Conflito(s)**, porque no conflito está a lama da vida e da narração jornalística; **Notoriedade** (de pessoas, lugares, objetos, temas...); e **Conseqüências**, porque nas conseqüências, sentidas ou possíveis, se estabelece a relação de interesse entre a notícia e o seu destinatário. **Utilidade** das informações ou orientações, a **Surpresa**, como fator de impacto e de impulsos de busca; a oferta de **Conhecimento**; e a **Dramaticidade**, elemento de conteúdo essencial da narrativa humanizada; **Suspense**, importantes, por exemplo, nos noticiários de competições esportivas e dos processos eleitorais. (in ALCANTARA, 2005)

Na visão de Chaparro, se o jornalista agrega os atributos de relevância é possível conquistar o espaço da primeira página e ser manchete: *“Essa é a grande notícia, aditar aos atributos”* (p. 8).

Os caminhos da notícia, nesse entender, se expressam em decorrência de questões culturais, preponderantes e complexas para uma interpretação sobre o assunto abordado. Algumas vezes, pode ser equivocado pensarmos que, sobretudo utilizarmos os *atributos de relevância*, certamente teremos notícia e manchete de primeira página.

Fica clara, assim, a interferência de um jornalista numa notícia: selecionando e construindo-a. Como afirma Walter Lippmann no clássico *Public Opinion*,

o jornalismo opera trazendo à luz determinados fatos e deixando outros no escuro; o que se tem é apenas uma versão da verdade moldada nos preconceitos, crenças, conhecimentos e visão de um mundo de quem a escreve- neutralidade absoluta não existe, além das pressões externas sofridas (tempo limitado, complexidade das relações sociais, interesses econômicos) (T.do A).(LIPPMANN, 1997).

Dentre as problemáticas dos valores-notícias apresentados e que surgem no cenário ao qual a imprensa abrange, não faz parte de seu papel o julgar o lado certo e o errado, mas sim levar a público essa problemática, dando um empurrão para a discussão e construção do ambiente social.

Essas discussões fomentam os valores necessários que os estudantes devem conhecer para a produção do jornal-laboratório, no intuito de serem conduzidas para a formação do profissional.

É oportuno enfatizar que a preocupação na formação de um profissional responsável, crítico e ético deve ser o fio que conduz os critérios de produção e difusão do jornal-laboratório, como ressalta Antônio Vieira Junior (2002).

No Código de Ética da profissão⁵, lemos um roteiro de obrigações de comportamento como ressalta Chaparro:

É dever do jornalista combater e denunciar todas as formas de corrupção; divulgar todos os fatos que sejam do interesse público; lutar pela liberdade de pensamento e expressão; opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão; defender os princípios expressos na Declaração

⁵ O código de Ética dos Jornalistas, do Brasil, foi aprovado pelo Congresso Nacional da categoria, em setembro de 1985 .

Universal dos Direitos Humanos. (ALCANTARA, 2005, p.9)

Ainda na visão de Chaparro,

Não faltam, portanto, nem princípios éticos motivadores nem normas morais orientadoras da intencionalidade, para que nos fazeres e nas ações do jornalismo nada se sobreponha ao dever de investigar, valorar, relatar e difundir a informação verdadeira. (p. 25)

Os estudantes de jornalismo devem se comprometer com as questões éticas e morais que levantam o entendimento de Chaparro quando ensina que:

só com Ética fundida (pela liga da intenção) à técnica do fazer será possível alcançar a Estética do relato verdadeiro, reelaborando-a permanentemente. A Estética do jornalismo é a estética do relato veraz. (p. 9)

Para muitos, a verdade é condição primeira da informação. Diante disso, certamente para alargarmos uma visão crítica – necessária – para compreender os valores necessários para a formação jornalística, será preciso abordar nessa pesquisa passagens pelos entendimentos sobre distinção dos conceitos de informação e comunicação, questões que permeiam o entendimento sobre a objetividade da informação, interpretações de ‘equilíbrio’, ‘justiça’, ‘pluralidade’, ‘neutralidade’. Assim embasados, podemos fundamentalmente formar alicerce para estimular a formulação de um novo jornalismo, esse por sua vez, democrático, transparente e comprometido com a sociedade de modo geral.

Jornal-Laboratório como estratégia pedagógica de ensino

Na visão do professor José Marques de Melo,

o jornal-laboratório constitui espaço essencial de ensino-aprendizagem para a formação de jornalistas na universidade. Sua função é a de criar ambiente propício para a reprodução dos processos jornalísticos, em situações práticas, vivenciadas pelos alunos, das quais os professores extraem evidências para explicar as teorias que embasam a profissão. (in: VIEIRA JUNIOR, 2002)

O jornal-laboratório tem como função a inserção dos alunos do curso de jornalismo para desenvolver os processos e técnicas jornalísticas apreendidas na sua vivência teórica e crítica da sala de aula a ser transportada para as páginas do jornal-laboratório.

Para o pesquisador da ECA/USP Antônio Viera Junior,

a função do laboratório didático é oferecer ao mercado um jornalista criativo, com capacidade de se comportar criticamente na atividade profissional e não apenas reproduzir mecanicamente o modelo.(2005, p.9)

Ressalta ainda que o aluno deve buscar utilizar os seus conhecimentos e sua criatividade ao produzir os textos com a clareza de saber diferenciar assuntos de interesse pessoal de assuntos de interesse público. Todo o processo técnico de uma estrutura para a produção de um periódico impresso como a escolha da pauta, a escolha das fontes, a fotografia, a redação, a apuração, a

edição até a publicação, em discussão com os colegas, pode construir alternativas diferenciadas dos modelos já existentes de jornais no mercado capital.

Ainda na visão do pesquisador Antonio Vieira Junior (2002, p.10) para o êxito do projeto laboratorial é fundamental a avaliação do professor responsável em todas as edições em sala de aula. Assim, o alunado abrange uma visão de erros e acertos práticos, ou melhor, daquilo que é adequado ou inadequado como diretrizes de produção editorial impressa.

A experiência do jornal Notícias do Jardim São Remo

O jornal-laboratório *Notícias do Jardim São Remo* (NJSR) iniciou-se em 1994, no formato de jornal-mural, idealizado pelo prof. Manuel Carlos Chaparro na USP. A tiragem do mural era de 300 exemplares e afixado em locais públicos dentro da comunidade do bairro Jardim São Remo, na zona oeste da cidade de São Paulo.

Desde 2000, o jornal deixou o formato mural e passou a ser um *standard* de oito páginas, de periodicidade quinzenal, com 1.500 exemplares distribuídos gratuitamente na comunidade pessoalmente pelos alunos.

O Jardim São Remo é um bairro formado pela urbanização de uma favela localizada atrás do campus da USP e boa parte dos seus moradores são funcionários da universidade. Desde meados

dos anos 90, a universidade desenvolve vários projetos de atendimento à comunidade. Historicamente, há uma situação de proximidade e conflito dos moradores deste bairro, com todas as suas carências sociais, com a vizinha universidade, tida como a maior do país e que concentra pessoas de segmentos sociais privilegiados.

A experiência de se produzir um jornal-laboratório para uma comunidade com estas características atende as preocupações de Lopes quanto a importância do público leitor para o jornal-laboratório:

Os laboratórios de generalidades, assuntos absolutamente desenraizados de uma área geo-social, correm os riscos de vir a ser muito mais exercícios de crônicas do que reportagens. O aluno só trabalha num contexto real se tiver um público definido. (LOPES, 1989)

A crítica de Lopes é devida a constatação de que a maior parte dos jornais laboratórios nas escolas de jornalismo serem meramente instrumentos visando cumprir a resolução do MEC que obriga a existência destes periódicos nos cursos de jornalismo. Boa parte destes órgãos laboratoriais não têm público definido, os jornais são distribuídos na própria instituição, as periodicidades não são bem definidas e, assim, não se exercita o cumprimento de um “contrato” social com o leitor, ponto fundamental para a ética do jornalismo.

No caso da experiência do NJSR, nota-se que, além da definição de um público para o jornal, este público tem

características extremamente diferentes do perfil do aluno da escola, o espaço geo-social é também radicalmente distinto e, como afirmamos anteriormente, há uma relação em certos momentos até conflituosa com a universidade. Neste sentido, acreditamos que esta experiência laboratorial tende a fazer o alunado a ter uma visão mais crítica e reflexiva de mundo, uma vez que o jornal tem um caráter comunitário e um viés extensionista.

A dinâmica da atividade do laboratório se deve ao aluno colocar em prática seus conhecimentos teóricos, se posicionar de forma crítica e refletir sobre a comunidade São Remo, respeitando as peculiaridades da região onde está inserida.

É fundamental que os veículos ouçam as comunidades às quais se dirigem para fixar diretrizes editoriais, ou seja, levar em consideração a participação dos receptores. (LOPES, 1989)

Na produção do jornal NJSR em 2005, sob nossa supervisão na disciplina *Laboratório de Iniciação ao Jornalismo*, pedimos aos alunos que elaborassem uma auto-avaliação da sua participação no laboratório. Foram 32 alunos no primeiro semestre do período diurno e 30 do período noturno que produziram o jornal no 1.º e 2.º semestres de 2005 respectivamente. A cada edição impressa, os alunos produziam um pequeno texto fazendo uma auto-avaliação da sua participação.

Esse exercício avaliativo apresentou elementos importantes para a reflexão de como se dá o processo de ensino-aprendizagem do jornalismo na produção laboratorial. As várias críticas e

avaliações do jornal feitas pelos alunos demonstraram algumas dificuldades de compreensão do fazer jornalístico que demonstram a necessidade de se aprofundar, em paralelo à produção laboratorial, aspectos teóricos e éticos da atividade.

Agrupamos estas dificuldades em três grandes grupos:

1. Dificuldade de se estabelecer o valor proximidade como critério de noticiabilidade (definição de pauta).

Traquina define esse conceito de proximidade de forma tanto geográfica como cultural, isto é, um fato tem peso quando está próximo *espacialmente* ou *culturalmente* ao público leitor. Entretanto, percebe-se nos alunos uma tendência de se restringir à idéia de proximidade a espaço geográfico, transformando a idéia de jornal comunitário em jornal *provinciano*. Em parte, esta idéia de proximidade está vinculada a uma concepção assistencialista do caráter extensionista que este projeto possui. Entende-se a participação no laboratório como uma forma de *ajudar* uma comunidade carente. Este problema é fruto do processo de *estranhamento* que impacta os alunos em duas instâncias – em *primeiro lugar*, em função do laboratório ser realizado no primeiro ano do curso, portanto em um momento ainda de adaptação dos alunos ao ambiente universitário; e em *segundo lugar*, com o estranhamento com a própria comunidade que possui valores, formas de vivência e saberes vividos radicalmente diferentes da história dos alunos da ECA/USP.

2. Dificuldade de interpretação dos interesses de uma comunidade que é, por natureza, plural. Por ser uma comunidade com características distintas do perfil da universidade, há uma tendência em estereotipar os seus membros, nivelando-os ou uniformizando-os. Aqui, há um problema de diálogo da comunidade com o jornal o que gera uma dificuldade de “interpretação” do impacto de determinadas notícias no público. Além disto, há uma pluralidade de interesses na comunidade. Existem pessoas ligadas diretamente a ONGs que têm uma leitura do bairro como receptor dos projetos lá desenvolvidos; existem os moradores que têm uma ligação instrumental com a universidade, um mero local de trabalho; existem formas de organização distintas das formas clássicas, como o futebol, e ainda há as formas “ilegais” de organização, como a criminalidade.

3. Dificuldade de mediar os distintos mecanismos de pressão da comunidade sobre o jornal. Como decorrência da assertiva anterior, as diferentes formas de articulação da comunidade exercem formas distintas de pressão sobre o jornal. Há um nível de pressão mais explícito e com um discurso mais inteligível por parte da academia que é dos segmentos organizados classicamente, como as ONGs (isto porque seus sujeitos têm um perfil e um discurso mais próximo da universidade). Mas há outros níveis de pressão mais difíceis de serem entendidos pela academia por se expressarem em discursos diferentes, como o do futebol, dos moradores que trabalham na universidade e, por isto, desenvolvem

uma relação ambivalente com esta (de respeito e também de animosidade).

Estes problemas trazem as seguintes dificuldades na produção do jornal quanto à *definição de pautas, linguagem (escrita e visual) e angulação*. O problema se agrava mais em função de ser um jornal-laboratório em que não há, a priori, uma hierarquia no corpo redacional. Os cargos são escolhidos por meio de discussão na sala de aula, é estabelecido um rodízio entre os alunos. Entretanto, é quase constante a participação do professor na mediação de conflitos existentes por conta da tomada de decisões que, em função do *timing* da produção do veículo, deve ser centralizada.

Mas o maior desafio imposto aos alunos é proporcionar aos mesmos a experiência de saber *gerenciar os vários fatores de tensão* existentes em um cotidiano de produção jornalística – e agravado, no caso do laboratório, por um lado, porque não há uma estrutura empresarial que dá um caráter de verticalização nas decisões e possibilitando, por outro lado, um espaço para constante reflexão dessas zonas de tensão.

Levando-se em conta que a atividade jornalística comporta esta necessária capacidade de gerenciar estas tensões – sem falar que, em um jornal comercial, existem as pressões mais fortes do poder econômico e político – o laboratório com estas características tem um grande papel no aprendizado, desde que esteja profundamente articulado com uma discussão da ética e do papel

social do jornalista. As *escolhas* e as respostas a serem dadas a estes mecanismos de pressão vindos do público alvo devem estar referenciadas em suportes éticos do jornalismo. A ausência desta discussão articulada com a produção laboratorial transforma o laboratório em mero momento de cumprimento de exigência curricular, dissociando as práticas técnicas dos seus suportes teóricos (como, por exemplo, a escolha por determinada forma de diagramação sem levar em conta a legibilidade do periódico por parte do público leitor, entre outros).

Considerações finais

Reforçamos a idéia de que a prática do jornal-laboratório nos moldes apontados por Dirceu Lopes é fundamental para a formação do jornalista. Entretanto, os jornais-laboratório tanto podem dar grandes contribuições para a formação do jornalista, como também podem antecipar vícios e problemas presentes no mercado profissional, deixando assim a universidade de cumprir o seu papel de ser problematizadora do mercado. Isto acontece quando a prática laboratorial é realizada de forma dissociada dos fundamentos teóricos e éticos do jornalismo.

Daí a importância de se verificar constantemente como os alunos encaram este desafio, como essas zonas de tensão são gerenciadas, qual é a relação estabelecida com o público, particularmente quando ele é externo e distante destas inquietações de uma universidade.

Certamente, a universidade oferece possibilidades de fomentar idéias e discussões que visam permitir explorarmos as evidências empíricas que, por sua vez, abrangeremos a ótica daqueles que atuam no campo da comunicação. Contudo, não fazemos generalizações sobre as práticas profissionais, pois tornaríamos árdegos. No entanto, acreditamos que o papel da academia é de observar, analisar, relacionar os fatos, articulá-los ao nosso contexto social e produzir fatos novos que, por sua vez, são os pronunciamentos dos nossos pensamentos e entendimentos.

Bibliografia

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALCÂNTARA, Norma S. **Imprensa na berlinda: a fonte pergunta** / Norma S. Alcântara, Manuel Carlos Chaparro, Wilson Garcia. 1.ed. São Paulo: Celebris, 2005.

ASSUMPTÃO, Maria Elena Ortega Ortiz; BOCCHINI Maria Otilia. **Para escrever bem**. São Paulo: Manole,2002.

BARROS Filho, Clóvis de. **Ética na comunicação**. 4. ed. São Paulo: Summus,2003.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação a filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo, Edusp, 1992.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2001

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: Free Press Paperbacks, 1997.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo, Summus, 1989.

LOPES, Dirceu Fernandes (org.); PROENÇA, José Luiz (org.). **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

MELO, José Marques de. O ensino de jornalismo no Brasil. In: **O ensino de jornalismo: documentos da 4ª semana de estudos de jornalismo**. São Paulo, ECA/USP, 1972.

MELO, José Marques de. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. In: VIEIRA JUNIOR, Antonio. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

_____. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA Junior, Antônio. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>

OLIVEIRA, Dennis de; RODELLI, Patrícia. Jornal-laboratório: prática extensionista articulada com a dimensão ética do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v.1, n.1, p.106-125, abr./jul. 2007. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/viewissue.php?id=6>